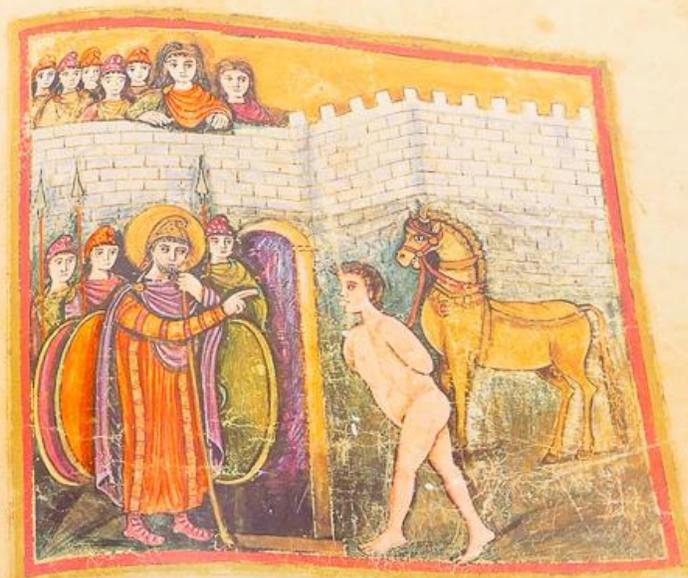
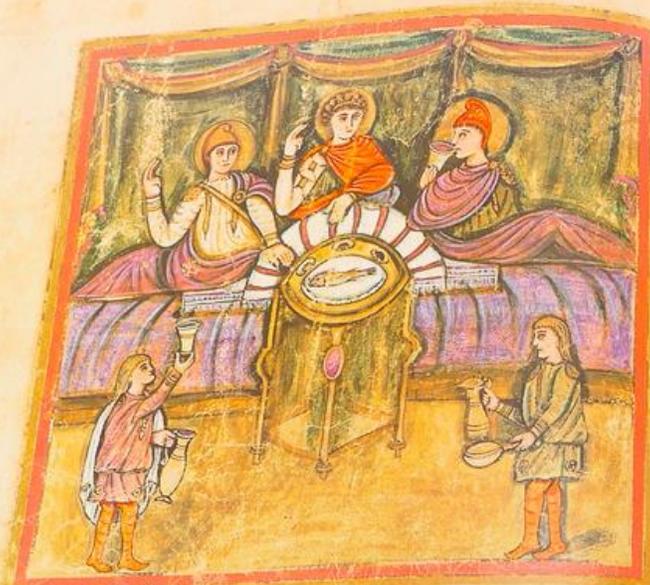


Aulas 21-22 – A montagem da *Eneida*

O enredo da *Eneida*

Conteúdo do *Vergilius Vaticanus*:

- f. 1-6: *Geórgicas*, livro III
- f. 7-10: *Geórgicas*, livro IV
- f. 11-17: *Eneida*, livro I
- f. 18-23: *Eneida*, livro II
- f. 24-31: *Eneida*, livro III
- f. 32-41: *Eneida*, livro IV
- f. 42-44: *Eneida*, livro V
- f. 45-58: *Eneida*, livro VI
- f. 59-68: *Eneida*, livro VII
- f. 69: *Eneida*, livro VIII
- f. 70-75: *Eneida*, livro IX



Conteúdo do *Vergilius Romanus*:

f. 1-18v: *Bucólicas* (fragmentário)

f. 18v-73v: *Geórgicas*

f. 73r-309v: *Eneida*

Livro I

A frota troiana na tempestade (VR, f. 77r) (A.1.81ss)

Depois de assim falar, volteou a lança e golpeou o flanco da cavernosa montanha; logo os ventos, como em esquadrão ordenado, pela porta que lhes fora franqueada largam em correria e varrem as terras com a força de seu sopro.

Abatem-se sobre o mar e, das mais fundas profundezas, todo ele o sacodem, juntos, Euro e Noto e, com espessos vendavais, o Afro, e rolam sobre a praia imensas vagas;

sucede-se a gritaria dos soldados e os silvos do cordame. Roubam de súbito as nuvens céu e luz dos olhos dos Teucros; sobre o mar se alonga uma noite de negrume. Estouram os polos e relampeja com milhares de faíscas o ar e por toda a parte se desvenda aos soldados a presença da morte. De pronto se desfaz em tremores o corpo de Eneias; solta um gemido e, estendendo para o céu ambas as mãos, tais palavras profere: «Oh, três e quatro vezes ditosos...





Enéas e Acates veem Cartago sendo construída (VV, f. 13r) (A.1.418-438)

Venceram, entretanto, o caminho por onde um trilho se lhes desvenda e rápido subiam à colina que se ergue, altaneira, sobre a cidade e vigia lá do cimo os baluartes que lhe ficam defronte. Admira Eneias toda a imponência, grutas em outro tempo, admira os portais e o tumulto e o pavimento das vias. Dão nas vistas, no ardor de seu esforço, os Tírios; uns a alinhar muralhas, a construir a cidadela e a rolar, à força de braços, pedregulhos, outros a escolher sua morada e a fechá-la com um fosso coberto; escolhem leis e magistrados e um senado que impõe o respeito. Aqui, uns abrem portos; ali, lançam outros os fundos alicerces de teatros e talham nas rochas enormes colunas, grandiosos enfeites de futuros cenários. Qual abelha no alvor do Verão, pelos campos em flor trabalha à torreira do sol, quando os rebentos de seu enxame, já crescidos, os trazem para fora ou quando de límpido mel abastecem os favos e os enchem de um doce néctar ou recebem o fardo das que chegam ou, em formação cerrada, expulsam do cortiço o bando ocioso das vespas, ferve o trabalho e rescende a perfume de tomilho o mel... «Oh, afortunados aqueles cujas muralhas se elevam já!» Eneias assim fala e contempla do alto os tectos da cidade.

Enéas e Acates diante de Dido (VV, f. 16r)

(A.1.586-610)

Mal dissera tais palavras, quando, de súbito, a nuvem que os envolve se desfaz e se desvanece na limpidez do ar.

Logo irrompeu Eneias e refulgiu numa luz resplandecente, semelhante a um deus no rosto e no porte, pois a mãe, ela mesma o havia ornado, de um sopro, com formosa cabeleira e a luz púrpura da juventude e com nobreza venturosa no olhar, qual beleza que as mãos acrescentam ao marfim ou quando prata ou pedra de Paros são recobertas do fulvo ouro.

Então, assim se dirige à rainha e, de repente, sem ninguém esperar, diz: «Diante de ti, que por mim perguntas, aqui estou, o troiano Eneias, arrancado às ondas da Líbia.

Ó tu, que foste a única a ter pena dos infandos trabalhos de Tróia, tu, que conosco, restos dos Dánaos, consumidos já por todas as desventuras em terra e no mar, em total penúria, conosco partilhas cidade e casa, dar-te as graças que mereces não está ao alcance de nós, ó Dido, nem de quanto resta, em toda a parte, do povo dardânio, disperso agora pelo mundo.

Os deuses, se as divindades algum apreço têm por gente piedosa, se em algum lugar há justiça e um espírito desperto para o que é recto, os deuses te dêem o justo prémio. Que tempos tão venturosos te trouxeram? Que pais tão grandiosos geraram tal filha?

Enquanto para o mar correrem os rios, enquanto nos montes as sombras povoarem as grutas, enquanto o céu for pastagem das estrelas, sempre tua nobreza e teu nome e tua glória hão-de permanecer, seja qual for a terra que por mim chame.» [...]



VIXIT ATQUE SIBI QUAE CIRCUM IUS ARIPIT
SCINDIT SENUBESIT INAEIHERA TURCAI ADERTUAM
RSTITITAINENSCLARAQ INLUCEITUISIT
OSUMEROSQUE DIOSIMILISNAIQUAEIUSADICORAAI
CNESARIIMONACCENLITIN LUMINO TUUENTAE

Vênus envia Amor a Dido sob a forma de Ascânio (VV, f. 657-694)

Portanto, com estas palavras fala ao Amor alado:

«ó meu filho, tu, só, és a minha força, tu o meu grande poder,
ó meu filho, tu, que desdenhas os dardos tifeios, do pai supremo,
para ti me volto e imploro, suplicante, a tua graça divina.
Como Eneias, teu irmão, é balouçado pelo mar e anda às voltas
por todas as praias por força do ódio da malvada Juno,
tu bem o sabes e muitas vezes penaste com o meu penar.
Acolhe-o agora a fenícia Dido e com meigas conversas
o entretém, e tenho medo do resultado em que vai dar
a hospitalidade de Juno; ela não desistirá em momento tão crucial.
Daí que eu pense apanhar, antes, a rainha em meus ardis,
cercá-la de uma chama, a ponto de não mudar por acção de deus algum,
mas ficar do meu lado, possuída de grande amor por Eneias.
Sobre o modo como podes alcançá-lo escuta agora o meu plano:
o régio menino, ante o chamado de seu querido pai, prepara-se
para partir para a cidade sidónia - a minha preocupação maior-,
levando as prendas que sobraram do mar e do incêndio de Tróia;
vou mergulhá-lo num sono e escondê-lo nos altos cumes
de Citera ou nos altos cumes de Idálio, em lugar sagrado,
para que não possa vir a saber de tais ardis e intrrometer-se no meio.
Tu, a figura dele assume-a arditosamente, por não mais de uma noite,
e tu, que és menino, põe ares de menino, o que bem sabes fazer,
para quando, cheia de contentamento, te acolher em seu colo Dido,
em meio das mesas régias e das libações de Lieu,
quando te envolver em abraços e te pregar beijos de meiguice,
às escondidas lhe atiares o fogo e a desvairares com teu veneno»



Banquete com Dido, Enéas e Amor na forma
de Ascânio (VR, f. 100v)
(A.1.697ss)

Quando chegou, já a rainha tinha tomado assento, sob magníficas tapeçarias,
em leito de ouro, e ocupara lugar central;
já o pai Eneias, já a juventude troiana
para ali convergem, e recostam-se sobre colchas de púrpura.
Servem água para as mãos os criados e distribuem em cestas
os dons de Ceres e trazem toalhas de pelo raso.
Lá dentro, cinquenta criadas, a quem cabe dispor por ordem
a longa série de manjares e assegurar o odor das chamas aos Penates;
outras cem e outros tantos criados de igual idade,
para cobrirem as mesas de iguarias e encherem as taças. [...]



Livro II

Sinão e o cavalo de madeira diante de
Príamo (VR, f. 101r)
(A.2.57ss)

Eis que, entretanto, um jovem, mãos atadas atrás das costas, o traziam até junto do rei, entre enorme gritaria, pastores dardânicos; um desconhecido que se tinha atravessado no seu caminho para levar a cabo este mesmo plano e franquear Tróia aos Aqueus, fiado na sua coragem e preparado para ambos os desfechos: ou urdir a cilada ou morrer de morte certa. De toda a parte, no desejo de o ver, a mocidade troiana corre e espalha-se em volta dele e disputa por trocar do prisioneiro. [...]



A morte de Laocoonte (VV, f. 18v) (A.2.199-231)

CONNERTANTERRIAMMPTERLOTHRYGLISQUIFUTURORA
SINANNIBUSULSTRISULSTRAMASCINDISSITINURBEM
NITRONSIAMMAGNOBELLOINADMOINIBELLO
VENTURAMITMOSTROSEINNAMANERENECOTES
TALIBUSIINSIDIISTERIURUQARTESINONIS
CREDITARESCNTIQDOLISLACRIMISQMLCONCTIS
QUOSNIQUITTDIDESNECCLARISEUSNCHILLIS
NONNINI DOMUIRE DICLAINONMILLNCRINAE



Aqui, um outro caso de maior espanto e bem mais temível surge pela frente aos infelizes e abala os corações desprevenidos. Laocoonte, investido por sorte nas funções de sacerdote de Neptuno, sacrificava com solenidade um touro, junto ao altar. Eis, porém, que de Ténedos, pelo sossego do mar - é com horror que o conto - duas serpentes de imensos anéis se alongam águas fora e lado a lado deslizam para a praia; subiam o peito alçado no meio das ondas e as grimpas cor de sangue sobressaíam nas vagas; a parte sobrance varre atrás o mar e volteia a imensa vastidão do dorso. Fazem soar com estrondo a espuma; e logo subiam a terra e de olhos ardentes injectados de sangue e fogo lambiam a boca a silvar com as línguas que vibram sem cessar. Pomo-nos em fuga, o rosto pálido. Elas, em rumo firme, dirigem-se a Laocoonte; e logo os corpos franzinos dos dois filhos, cada uma das serpentes os estrangula [...]

Tomada de Troia pelos gregos (VV, f. 19r) (A.2.250-267)



Dá a volta, entretanto, o céu, e cai sobre o oceano a noite,
a envolver de uma imensa treva a terra e o céu
e a cilada dos Mirmidões; dispersos ao longo das muralhas, os Troianos
emudeceram; o torpor tomou conta dos corpos extenuados.
E logo a legião dos Argivos, em naus alinhadas, se pôs em marcha
desde Ténédos, por entre o silêncio cúmplice da lua emudecida,
a caminho de praias que bem conhecera, quando a proa régia elevara
alto as chamas; a coberto dos fados dos deuses, o pérfido Sinão,
aos Dánaos escondidos no ventre e no bojo de pinho,
dá-lhes vazão; ao abrir-se, devolve-os ao ar livre
o cavalo, e, plenos de alegria, eles saem para fora dos antros de madeira.
Tessandro e Esténelo, os chefes, e o terrível Ulisses
deslizaram por uma corda ali descida, e Acamante e Toante
e o filho do Pelida, Neoptólemo, e, à frente de todos, Macáon,
e Menelau e o próprio artesão do ardil, Epeu,
invadem a cidade sepultada em sono e vinho;
são liquidados os guardas, abrem as portas e acolhem
os demais companheiros e juntam as tropas, conforme o plano.

A sombra de Heitor aparece a Enéas (VV, f. 19v) (A.2.268-297)

Era a hora em que o primeiro sono começa para os entorpecidos mortais e por dádiva dos deuses se insinua com enorme prazer. No meio do sono, eis que a meus olhos e cheio de tristeza me parece surgir Heitor, desfeito em imenso pranto; tal como outrora, arrastado pelos cavalos e negro de sangue e poeira e com correias a amarrar os pés inchados, - pobre de mim! - assim estava ele; quão longe daquele Heitor que regressou ao combate revestido dos despojos de Aquiles ou do que lançou sobre as proas dos Dánaos as chamas frígias: a barba esqualida e os cabelos crespos de sangue e a exhibir os inúmeros golpes que sofreu à volta dos muros da pátria.⁴³ Parecia-me tomar a dianteira e, entre lágrimas, dirigir-me ao guerreiro e tirar de dentro estas palavras: "Ó luz da Dardânia, ó esperança tão segura dos Teucros, que tamanha demora te susteve? De que paragens, ó Heitor tão desejado, vens tu? Depois de tantos dos teus dizimados, depois de tão variados padecimentos dos homens e da cidade, em que estado, em nossa prostração, te vejo! Que causa te desfigurou, sem o mereceres, o rosto sereno? Porquê contemplo eu tais feridas?" Ele nada responde; e não perde tempo com as minhas perguntas vãs, mas arrancou um pesado gemido do fundo do peito e disse: "Oh!, foge, filho de uma deusa! E leva os teus para longe destas chamas!



Prodígio sobre a cabeça de Ascânio (VV, f. 22r) (A.2.671-691)



Então cinjo de novo a espada e colocava na mão esquerda o escudo, a ajustá-lo, e encaminhava-me para fora de casa. Mas eis que me abraçava os pés, já à porta, a minha esposa e me segurava e estendia para o pai o pequeno Iulo:

"Se é para morrer que partes, leva-nos também contigo para quanto suceder; mas se, por experiência, tens esperança nas armas que empunhas, protege primeiro esta casa. A quem o pequeno Iulo, a quem um pai e aquela a quem um dia chamaste esposa somos deixados?"

Tais clamores soltava, entre gemidos, e enchia toda a casa, quando, de súbito, acontece um prodígio indescritível: entre nossas mãos e aos olhos de seus tristes pais, eis que do cima da cabeça de Iulo vemos sair um penacho a espalhar lume, e a chama a tocar sem dano e a acariciar a leve cabeleira e a crescer em volta das têmporas. E nós, apavorados, a tremer de medo, a sacudir-lhe os cabelos em fogo e a apagar com água chamamos sagradas. Mas o pai Anquises voltou para as estrelas o olhar, cheio de alegria, e dirigiu mãos e voz para o céu:

"Júpiter todo poderoso, se alguma prece pode apiedar-te, olha para nós! Apenas isso. E se nossa piedade o merece, dá-nos agora a tua ajuda, ó pai, e estes presságios, confirma-os!"

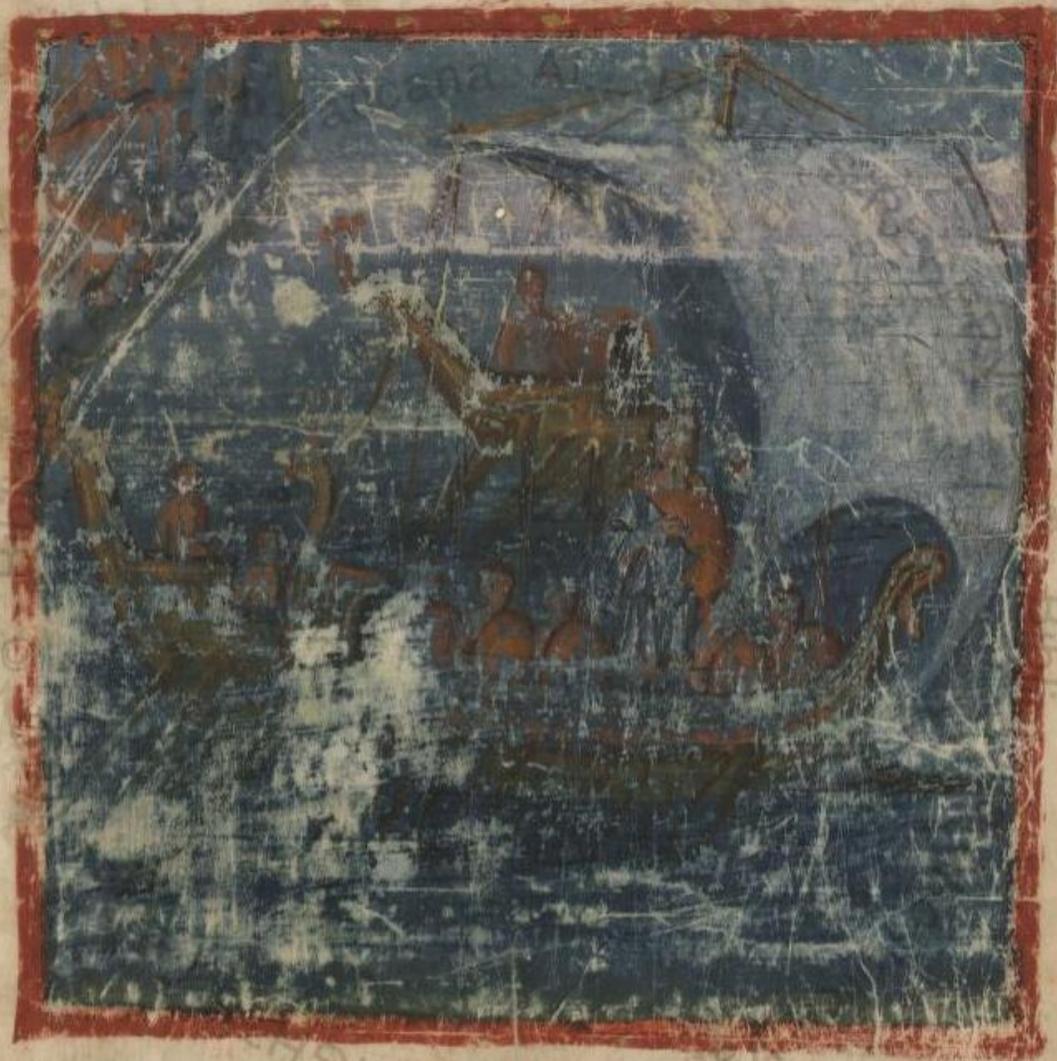
Livro III

As viagens de Enéas no livro III



Impression photomécanique "LES PROCÉDES DOREL" - PARIS

In: J. PERRET (ed., trad., com.). *Virgile. Énéide: livres I-IV*. Paris: Les Belles Lettres, 1977, anexo.



A frota de Enéas deixa as margens de Troia (VV, f. 23r) (A.3.1-12)

«Depois que aos deuses do alto aprouve arrasar o poder da Ásia e o povo de Príamo, que o não merecia, e que ruiu a opulência de Ilion e que é apenas fumo, desde o húmus, toda a Tróia de Neptuno, somos levados por sinais dos deuses a buscar alhures o exílio e terras desertas, mesmo à beira de Antandro, e no sopé do monte Ida, da Frígia, construímos uma frota, incertos do rumo aonde nos levavam os fados, onde nos seria dado assentarmos, e reunimos os homens. Ainda mal rompera o Verão e já meu pai, Anquises, mandava soltar velas ao destino. As praias de minha pátria, entre lágrimas, assim as deixo e seus portos e campos onde Tróia existiu. Sou arremessado para o desterro do mar, com companheiros e filho e os Penates e os grandes deuses.

Enéas e a sepultura de Polidoro (VV, f. 24v)

(A.3.19-48)

Oferendas levava eu para a filha de Dione, minha mãe, e para os deuses que protegem o começo dos empreendimentos e, em honra do rei dos deuses do alto, / sacrificava na praia um lustroso touro.

Havia, por acaso, ali ao lado, uma colina, no cimo da qual se viam tufos de cornisos e uma murta eriçada de densa ramagem.

Acerquei-me e tentei arrancar do solo um molho de verdura para cobrir de ramos frondosos os altares

e vejo uma coisa assombrosa e horrenda e espantosa de contar:

o primeiro arbusto arrancado do chão, raízes despedaçadas, dele escorrem gotas de um sangue negro

e mancham de pus a terra. Um horror enregelado me sacode o corpo, e fica coalhado o sangue, gelado pelo pavor.

Tento de novo e continuo a arrancar uma verga ligeira de um outro e a indagar as causas escondidas lá bem fundo; mas negro é o sangue que sai da casca deste outro.

Com o coração num alvoroço sem fim, rezava às Ninfas do campo e ao pai Gradivo, que reina sobre os campos getas, que fossem propícios aos rituais e nos livrassem da visão e do presságio.

Mas, depois que com mais firmeza me acerco de uma terceira pernada e luto, de joelhos, contra a resistência da terra

(hei-de falar ou quedar-me em silêncio?), ouve-se um queixume choroso do fundo do outeiro, e uma voz vinda de lá chega a meus ouvidos:

"Porquê, ó Eneias, retalhas tu um desgraçado? Poupa agora quem está sepulto, poupa tuas mãos piedosas a esse crime. Criou-me Tróia,

não estranho a ti, e não corre aqui o sangue da madeira. [...]



IN ANNO DOMINI MILLESIMO CCCO LXXXIIII
 IDOMENEU DUCIATUR PER CRETAM IN NAXOS
 HOSTIUM CIBUM DUCITUR DESERTAM IN ILLIS



LINQUAMUS PORTUM IN CRETIS INCOGNITUM
 BACCHANIAMQUE ISCHIAQUE QUIDEM
 OLLA MUNDIAMQUE IN MUNDI

Pergameia fundada por Enéas logo tocada pela peste e pela seca (f. 27r) (A.3.121-134)

Corre a fama de que tinha partido, expulso dos reinos de seu pai, o chefe Idomeneu, que estavam desertas as praias de Creta, que o palácio estava liberto do inimigo e as casas abandonadas. Deixamos os portos de Ortúgia e voamos mar fora:

Naxos, com seus cumes povoados de bacantes, a verdejante Donusa, Oléaro e Paros, cor de neve, e as Cíclades, dispersas no mar, e atravessamos turbilhões de água entre terras sem conto.

Estala a gritaria da marinhagem em disputada contenda: exortam os companheiros a que rumemos a Creta e aos avoengos.

Acompanha a nossa marcha um vento que se levanta de popa, e, por fim, encostamos às antigas terras dos Curetes.

Logo, sem tardança, ergo as muralhas da cidade que ambiciono e dou-lhe o nome de Pérgamo e, à minha gente, feliz com tal alcunha, exorto-a a amar o lar e a erguer as construções da cidadela.

Panorama da Sicília (VV, f. 31v) (A.3.699-715)

Daqui, a florámos as altas penedias e as escarpadas falésias do Paquino e, sem nunca pelos fados lhe ser consentido deslocar-se, surgem, à distância, Camarina e os campos de Gela; Gela, do nome de seu rio impetuoso assim chamada. Dali, a altaneira Agrigento exhibe ao longe suas poderosas muralhas, cidade outrora produtora de magníficos cavalos; e a ti, eu te deixo ao sabor dos ventos, ó Selinunte, terra de palmeiras, e escolho os pedregosos vaus do Lilibeu, de escondidos escolhos. Daqui, o porto de Drépano e seu litoral descontente me acolhem. Aqui, baldeado por tantas tormentas do mar, o meu pai - oh tristeza! - conforto de todos os cuidados e canseiras, eu o perco, Anquises. Aqui, ó melhor dos pais, na minha prostração me abandonas, pobre de mim!, depois de em vão escapares a tantos perigos! Nem o profeta Heleno, posto que muitos males horrendos me anunciasse, me augurou um tal luto, nem a sinistra Celeno. Este o extremo padecimento, esta a meta final da longa jornada. Daqui tendo partido, um deus me lançou para as vossas praias.»



Livro IV

O sacrifício de Dido (VV, f. 33v) (A.4.56-67)

Começam por acorrer aos templos e paz é o que reclamam
frente aos altares; cabeças de gado escolhidas segundo os costumes,
sacrificam-nas

a Ceres, a fazedora de leis, e a Febo e ao pai Lieu,

a Juno antes de todos os outros, que tutela os laços conjugais.

Ela própria, segurando na mão um vaso sagrado, a belíssima Dido,
verte-o no meio dos chifres de uma alva bezerra

ou, ali à frente dos deuses, caminha junto aos altares ensanguentados
e principia o dia com oferendas e, no flanco esventrado
das reses, consulta com sofreguidão as entranhas ainda palpitantes.

Ah, ignorantes espíritos dos áugures! De que servem votos no desvario,
de que servem templos? Uma chama se lhe instalou, entretanto,
nas entranhas, e vive, silenciosa, uma ferida bem dentro do coração.

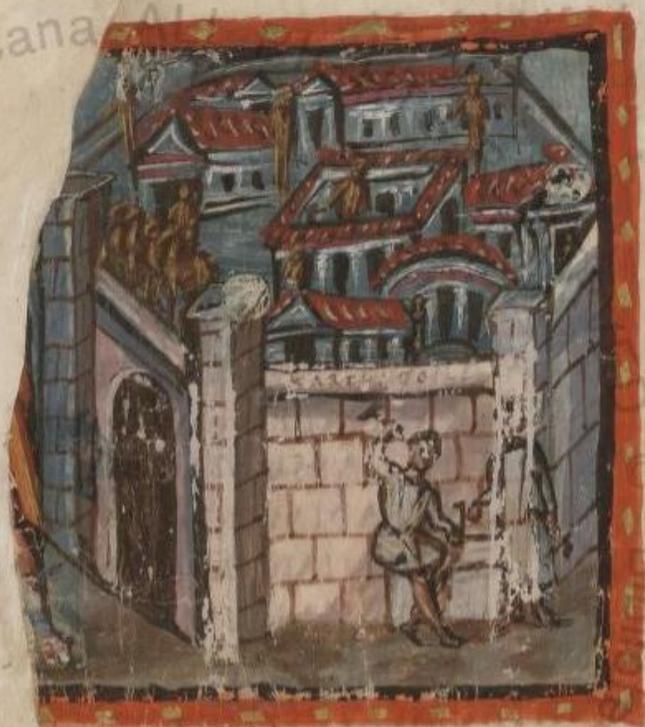


INCLINATI DE FLORIBUS ADIUNTIACIUM IN FERAS
INQUIRUNT MACTANT LICIAS DEMO AIDIO INTI
IUCIFERACERAE HOI ENO ENAI RALY AIO
INNONIANTIO ANI SCUI CINCENI GENIACURRI
LESNTIENS DINT ANTEIEM AIFULCHIA RIA ADIDO
CANDENTIS MACCALMI DI VINI IACON ANDIT

Dido e Enéas buscam abrigo da tempestade em uma gruta (VR, f. 106r) (A.4.160-172)

Entretanto, começa o céu a embrulhar-se com enorme ruído, vem depois um temporal, de mistura com granizo, e, sem rumo, os companheiros da Tíria e a juventude troiana e o neto dardânio de Vénus procuram abrigos dispersos pelos campos, cheios de medo; jorram torrentes do alto das montanhas. Chegam a uma mesma gruta Dido e o chefe troiano. Primeiro, a Terra e Juno, padroeira de matrimónios, dão o sinal; atearam-se fogos e o ar fez-se cúmplice de tais esposais, e de altos cumes ulularam as Ninfas.⁶⁶ Foi aquele o dia primeiro da sua morte e a causa de suas desgraças; pois nem se deixa Dido demover pela sua condição nem pela fama, nem se detém a pensar ser um amor clandestino: casamento é o que lhe chama; por detrás deste nome oculta a culpa.





Mercúrio aparece a Enéas preocupado com a construção de Cartago (VV, f. 35v) (A.4.259-282)

Mal tocou com seus pés alados os aduares,
avista Eneias a edificar cidadelas e a construir casas novas;
cingia-o uma espada constelada de fulvo jaspe
e flamejava uma capa de púrpura de Tiro
a cair-lhe dos ombros, que lhe dera de prenda Dido,
em sua riqueza, e recamara o tecido de fios de ouro.
Entrou de rompante: «Tu agora assentas os fundamentos
da alta Cartago e constróis uma bela cidade,
feito marido? Esquecido, ó desgraçado!, de teu reino e tua missão?
O próprio rei dos deuses a ti me enviou do Olimpo
luminoso, ele que faz girar céu e terra com seu poder,
ele próprio me manda céu fora, a transmitir-te estas ordens:
Planeias o quê: Ou que esperança te faz entreter ócios em terras da Líbia?
Se em nada te move a glória de tão altos feitos,
(e, mais ainda, não afrontas trabalhos por mor de teu renome,]
olha para Ascânio que está a crescer e para as esperanças
de teu herdeiro Iulo, a quem o reino de Itália e a terra romana
cabem em sorte.» Com tais palavras falou o deus de Cileno,
deixou as feições humanas a meio da fala
e desapareceu do olhar para longe, para as brisas ligeiras.
Logo ali, diante de tal visão, perdeu Eneias a fala, fora de si,
O cabelo arrepiou-se de pavor e ficou-lhe a voz presa na garganta.
Arde por se pôr em fuga e deixar a doçura de tais terras,
espantado da solenidade do aviso e da ordem dos deuses.

Dido dirige suas reprimendas a Enéas (VV, f. 36v) (A.4.296-392)



Mas a rainha (quem será capaz de enganar quem ama?), pressentiu a trama e foi a primeira a perceber as movimentações em curso, temerosa da segurança de tudo. A própria Fama lhe aticou a fúria, com novas de tais desmandos: que os navios se aprontavam e se preparava a viagem.

Perde a lucidez e fica possessa e pela cidade inteira vagueia a arder em delírio, qual Tíade em êxtase à passagem do cortejo ritual, quando, ao grito de Baco, as orgias trienais a enchem de excitação e o nocturno Citéron a provoca com sua vozearia.

Por fim, com estas palavras adianta-se e interpela Eneias: «Esperavas, então, ser capaz de disfarçar tamanha traição e deixar sem uma palavra o meu país?»

E nem te retém o meu amor nem a mão que um dia te ofereci nem Dido que se dispõe a morrer de morte cruel? [...]

Dido percebe a partida dos troianos (VV, f. 39v) (A.4.584-629)

E logo os primeiros raios da Aurora espalhavam uma nova luz,
quando ela deixava o leito cor de açafão de Titão.
A rainha, tão depressa de suas varandas viu clarear a luz
e a frota seguir viagem, de velas desfraldadas,
e quando sentiu praia e porto vazios e sem remadores,
três e quatro vezes bateu com a mão no peito encantador
e exclamou, arrependendo os loiros cabelos: «Por Júpiter! Vai mesmo
partir este forasteiro, depois de ter troçado de meus reinos!
E não vão outros empunhar armas e escorraçá-los da cidade inteira
e fazer sair as galeras dos estaleiros? Vamos!
Tragam depressa o fogo! Preparem lanças! Força nos remos!
Que digo eu? Ou quem sou eu? Que delírio me vai no coração?
Desgraçada Dido! É agora que os actos ímpios te atingem?
Tinha-te ficado bem no tempo em que deste de presente o ceptro. Aí tens juras
e confiança
daquele que dizem levar consigo os Penates de sua pátria,
que dizem ter carregado aos ombros seu pai, abatido pela idade!
E não fui eu capaz de deitar mão a seu corpo e retalhá-lo
e espalhá-lo nas ondas? E exterminar seus companheiros à espada
e Ascânio, servi-lo em refeição à mesa do pai?
Mas duvidosa seria a fortuna de um tal combate. Que fosse!
De quem tenho de ter medo, eu que vou morrer? [...]



Dido sobre a pira (VV, f. 40r) (A.4.642-662)

Mas, desvairada e indomável no seu plano tenebroso, Dido, revolvendo o olhar sanguíneo, as faces frementes e semeadas de manchas, pálida no sentimento da morte próxima, irrompe no pátio interior do palácio e sobe, enlouquecida, para cima da pira e desembainha a espada dardânia, oferenda que não fora pedida para tal uso. Aqui, depois de as vestes troianas e o leito que bem conhecia os ter contemplado, por um pouco a retardaram pranto e coração, e deitou-se sobre o leito e disse as derradeiras palavras:

«Doces despojos, enquanto os fados e o deus o consentiram: acolhei esta alma e libertai-me destes cuidados!

Vivi; e o rumo da vida que a Fortuna me concedeu, levei-o até ao fim, e, agora, a imensa sombra de mim partirá para debaixo da terra. Edifiquei uma cidade notável, vi as minhas muralhas, para vingar meu marido castiguei meu irmão e inimigo; feliz, oh, bem feliz teria sido, se ao menos minhas praias nunca as tivessem alcançado as naus dardânias!»

Assim falou; e de rosto mergulhado no leito: “Morrerei sem vingança, Mas morra eu,” disse. “Assim, assim, é que me apraz partir para o reino das sombras!

Sorva estas chamas, lá no alto mar, o cruel Dárdano e leve consigo o presságio da minha morte!”



Morte de Dido (VV, f. 41r) (A.4.663-705)

Acabava de falar e, em meio de tais palavras, os companheiros a vêem
tombar sobre a espada, e a lâmina a borbulhar sangue
E as mãos encharcadas. Levanta-se uma gritaria nos altos salões
do palácio; a Fama faz disso festim e abala a cidade.
Com os queixumes e os gemidos e o ulular das mulheres
abanam os tectos, ressoa com imenso pranto o ar,
não de modo diverso do que se o inimigo irrompesse cidade adentro,
e Cartago toda ruísse e a velha Tiro, e as chancelas em delírio
rolassem por sobre os homens e por sobre os deuses.
Escutou, desfalecida e apavorada em sua desvairada correria,
a irmã e, fustigando o rosto com as mãos e o peito com os punhos,
corre no meio deles e chama pelo nome aquela que se esvaía:
«Então era isso, ó minha irmã? Chamavas-me ao engano?
Era isto que nessa pira, era isto que fogo e altares me reservavam?
De que me vou queixar primeiro, em meu abandono? A companhia de tua irmã
tu a desprezaste ao morrer? Tivesses-me chamado para iguais fados!
A mesma dor, nessa espada, e a mesma hora a ambas tivessem levado!
E ainda a ergui eu com minhas mãos e invoquei os deuses pátrios
com minhas palavras, para estar longe, como se fora cruel, quando caísse?
Mataste-te a ti e a mim, ó minha irmã, e ao povo e aos nossos avós
de Sídon e à tua cidade! Passai-ma, para suas feridas com água pura
as lavar, e, se um derradeiro sopro de vida estiver ainda errante,
que em minha boca o acolha! [...]



IN URNADQ. ILLA MLDIN INTRINIAI INAO
CONS LAB SAAMIS TICIONICOMIHSINSEMAVICRNOI
SEURAN TEAISEARSNSQUIMANNUSITCIAMONADLIA
MIRIACNONISSAABDACHLSTUAIAMADIRURSEM
AMENHOIAMHUIIIMINIOVICI

Vaticana ALL RIGHT

Livro V

Enéas, Elimo e Acestes instituem os jogos fúnebres para Anquises (VR, f. 76v) (A.5.42ss)

Depois de, aos primeiros raios da manhã, expulsar as estrelas o dia seguinte com sua luz, convoca Eneias os companheiros de toda a praia, para ali se juntarem, e fala-lhes do alto de uma elevação: «Grandes Dardânidas, raça de ilustre sangue de deuses, cumpre-se, em meses exactos, o ciclo de um ano, desde que os restos e as ossadas de meu divino pai nós os aconchegámos na terra e lhes consagrámos tristes altares. É já chegado o dia, se não erro, que sempre terei por amargo, Que sempre honrarei (assim vós o quisestes, ó deuses). Em honra dele, mesmo que eu vagueie no exílio, nas Sirtes gétulas, ou que seja no mar de Argos que dêem comigo e na cidade de Micenas, ainda assim celebrações anuais e solenes rituais, conforme os preceitos, eu os hei-de realizar e erguer altares com as dádivas que lhes cumprem. Agora vou mais longe: diante de suas cinzas e dos ossos de meu pai, não, por certo, assim julgo, sem urna disposição e um aval dos deuses, eu me apresento; e aqui trazidos, entramos em porto amigo. Portanto, vamos! Façamos uma alegre celebração em sua honra! [...]



Partida dos barcos para a corrida (VV, 42r) (A.5.114-150)

Na primeira prova entram quatro barcos, semelhantes no porte de seus remos, escolhidos de entre toda a frota. Mnesteu comanda a rápida Priste, de remadores aguerridos; logo se tornará o itálico Mnesteu, de cujo nome vem a família dos Mémios; Gias lidera a enorme Quimera, de enorme tamanho, trabalhosa como uma cidade, que jovens dárdanos em três filas fazem mover, e seus remos sucedem-se em três patamares; e Sergesto, de quem retém o nome a casa Sérgia, dirige a grande Centauro, e na Cila azul marinho vai Cloanto, estirpe de onde vens, ó romano Cluêncio. Fica ao largo, no mar, um rochedo frente à praia salpicada de espuma, que é açoitado e submergido, às vezes, por vagas alterosas, quando os Cauros de Inverno escondem as estrelas; sob céu sereno, repousa em silêncio, e, acima das ondas sossegadas, ergue-se uma planura, poiso predilecto dos mergulhões amantes do sol. Aqui, o pai Eneias, de um frondoso carvalho fez a meta, sinal para os marinheiros saberem onde voltar e onde inverter a marcha da longa corrida. Então, tiram às sortes os lugares e eles próprios seguem na popa, a dirigir, e resplandecem ao longe, adornados de ouro e púrpura; a demais juventude segue coroada de folhagem de choupo, e os ombros despídos brilham, untados de óleo. [...]

MINIERNINCEPIANTHOCULOSCEACQULOCANTUS
INMEDIOSACRITRIBDESUINIDISQUICOROSI
ETALANPERITUNIUICIONIBANMAHIOSTAC
DIRISALUISSTISARCINILAUROITALUNIA
LITUBACOMMISSOSMEDIORANTAGGERILCIDOS



Corrida dos barcos (VV, 43v) (A.5.151-243)

Escapa-se diante dos outros e esgueira-se por sobre as ondas da frente, no meio do clamor da multidão, Gias; segue-se-lhe, Jogo depois, Cloanto, mais ágil nos remos, mas a quem o peso da madeira retarda. Depois deles, em contenda equilibrada, Priste e Centauro porfiam por ganhar a dianteira; ora a alcança Priste, ora a vence e passa adiante a enorme Centauro, ora avançam ambas a par e de frentes alinhadas e sulcam as ondas salgadas com suas quinas esguias. E estavam já perto do rochedo e alcançavam a meta quando Gias, que ia à frente, como vencedor, no meio da corrida grita em altos brados para o piloto do navio, Menetes: «Porque me desvias tanto para a direita? Desvia para aqui a marcha; achega-te à costa e que os remos, à esquerda, rocem os recifes; posições do lado do mar, outros as ocupem.» Assim falou; mas Menetes, com medo das rochas invisíveis, volta a proa para as ondas do mar. [...]



ET FRUGITANTE LIOSCRIMIS QUI ELABITUR UNDIS
TURBAMINUS A RETUMQ: GIAS QUI M DIINDI CLONN
CONSEQUITUR MELLORRIMIS SED PONDERE PINUS
TARDATENIB: POSI HOS ALIQUO DISCRIMINE RISTIS
CENTAURUSQ: LOCUM IEN DUNISUP IAR RIOR PA
EINUNCIAI SI SHABI NUNC TRATI NINT
CENTAURUS NUNC IEN NUNC IEN UNCTISQ: FERUNTUR
FRONTI: IEN NUNC IEN UNCTISQ: FERUNTUR

Conversa de Vênus e Netuno (VV, 44v) (A.5.779-815)

Vênus, entretanto, consumida de ansiedade, dirige-se a Neptuno e a tais queixumes dá vazão de seu peito: «A fúria desmedida de Juno e seu coração insaciável forçam-me, ó Neptuno, a rebaixar-me a toda a sorte de súplicas; ela, a quem nem o passar do tempo nem piedade alguma acalmam, nem a mando de Júpiter ou à força dos fados se verga e sossega. Não; ter devastado do meio dos povos com ódio nefando a cidade dos Frígios, isso não lhe basta; nem ter arrastado por toda a sorte de suplícios os restos de Tróia; as cinzas e ossos da destruição, eis o que persegue. Ela lá saberá as razões de tamanha raiva. Tu mesmo foste minha testemunha, há pouco, nas águas da Líbia: que enormidade ela provocou de repente - todos os mares enleou com o céu, em vão fiada nos temporais de Éolo, a tanto se atrevendo em teus reinos. E mais ainda: eis que, levando pelas sendas do crime as mães troianas, arrasou com malvadez os navios, desbaratou a frota e forçou-as a deixar os companheiros em terra desconhecida. Aos que sobejam, consente que soltem velas em segurança mar fora, consente que atinjam o Tibre dos Laurentes; é o que nos foi concedido que peço, são as muralhas que nos dão as Parcas». Então, o filho de Saturno e senhor do mar profundo assim anuncia: «É bem justo, ó Citereia, que tenhas confiança em meu reino, de onde colhes tua origem. Também eu o mereço: tais desvarios, vezes sem conta eu os refreei e raiva tão tamanha de céu e mar. E não menos em terra, tomo por testemunhas o Xanto e o Simoente de que tem sido meu cuidado o teu Encias.

Impresso
EX ANIMATA SEQUENS IN MITTIT AC MINAMURIS
MILLIAMOLIADARELLITOCIMURINSICUIRELE
AMINESNECREDEPTIMULAMANDQVOMFALLOSSE
INMAREXANTHUSAEIDNBIUNCECOLOAS
CONCESSUMAEANEANNICEDSNECUIRIBUSRIQUIS
NUBECUARI TUCUPEANICUMBERTENABIMO
STRUCTAALISMANIBERTITUKAEMOENIATROLMS
NONCCUOQUENTENSIADEMDERSINIMHITELTIMONI
TUTUSQUOSOLTASDOTUSACCEDEINQERNI
QVUSERTITANTUMIAMISSUMQUEMCCURCITQUINERTS



Livro VI

A Sibila conduz Enéas e Acates ao templo de Apolo (VV, 45v) (A.6.33-54)



[...] E tudo mais teriam, ainda,
examinado com o olhar se, nesse instante, Acates, enviado à frente,
não tivesse chegado, com a sacerdotisa de Febo e de Trívia,
Deífobe, filha de Glauco, que tais palavras dirige ao rei:
«Não é este tempo azado para tal contemplação;
agora, mais útil será sacrificar de manada intacta sete
bezerros e outras tantas ovelhas escolhidas segundo os rituais.»
Depois de assim falar a Eneias (e não atrasam os guerreiros as ordens
sagradas), a sacerdotisa chama os Teucros para as profundezas do templo.
Cavado para o interior da rocha de Eubeia, um imenso flanco,
aonde conduzem cem entradas, com cem portas,
de onde brotam outras tantas vozes, as respostas da Sibila.
Tinham chegado à entrada, quando a virgem diz: «É tempo
de reclamar os fados. Deus! Eis o deus!» Quem assim falava
diante da porta não tinha rosto, não tinha uma cor que fosse,
não tinha cabelos penteados; mas o seu peito ofegante
e o coração impetuoso estavam inchados de fúria, parecia ser maior
e não ter voz de mortal, foi bafejada por poder divino,
por estar mais perto do deus. «Tardas a fazer teus votos e tuas preces,
ó troiano Eneias?» - diz ela; «Tardas? Pois antes não hão-de abrir-se
As enormes bocas da casa das revelações». E, depois destas palavras,
calou-se.

Sacrifício de Enéas e da Sibila antes da descida aos Infernos (VV, 46v) (A.6.236-263)

Feito tudo isto, dá imediato cumprimento às ordens da Sibila.

Havia uma gruta muito cavada, monstruosa na sua imensa abertura, escarpada, protegida pelo negrume de um lago e pelas trevas de bosques, acima da qual não seria possível a ave alguma fazer caminho em seu voo; tal era o bafo que de suas negras cavernas se escapava e subia até às altas abóbadas; [donde deram os Gregos ao lugar o nome de Aorno.]

Quatro bezerros de negro dorso, aqui, desde logo, os fez colocar a sacerdotisa e sobre eles derramou vinho e, aparando as pontas dos pelos no espaço entre os chifres, pô-las no fogo sagrado, como oferenda primeira, invocando com sua voz Hécate, poderosa no céu e no Érebo.

Outros afundam neles os cutelos e recolhem em taças o sangue morno. O próprio Eneias uma ovelha de lã negra a golpeia com a espada, para a ofertar à mãe das Euménides e à sua poderosa irmã, e a ti, ó Prosérpina, uma vaca estéril. Então, para o rei do Estígio, começa a erguer altares nocturnos e coloca carnes inteiras de touros no fogo e derrama óleo espesso sobre as entranhas em chamas. E eis, enfim, que aos primeiros raios do sol começou o solo a mugir sob seus pés e os cumes das florestas desataram a mover-se, e as cadelas pareciam uivar no meio das sombras, à chegada da deusa. «Longe, ficai longe, ó gente profana!» grita a profetisa, [...]



HISACTISEPROEILXSEQUIVIREKACITINSIBYLLAI
SELIUNGANITAIVIIANSIOQUEIMANNISHININ
SCROCIENUTALACNINICRONIMORUMQITINIBRIS
QVMSVDEIHMVDULLNEPOIERNITIMEUNIVOLNTES
TENDIAMLRDINNISALISSSESHALITUSATIB
TAUCIBZIKINDENSSUCERAAVADCONVEXTERIBNI

Entrada de Enéas e da Sibila nos Infernos (VV, 47v) (A.6.260-294)

DIQUIBAMIS LAE TRICUM EST ANIMARUM MUNDI RAIQ-SILINTES
HIC HAOSIT HILICITON LOCANOCTIFACINHALATE
SITMIHINI LASAUDITMOQUISITNUMINULUSTRO
LAMPIDREBISALITAIARNIISCALICINIMERSAS
IBANIOBSCURISOLASUBNOCTIFINUMIBRAM
LIRQUIDOMOSDITISUACUASLIINANNIARIGNA
QUALITERINCIRIUMIUNAMISUBIUCIMALICNA
ISTITIRINSIUISAUBICNULUMCONDIDITUMBRA
LITITIRITREBUSNOXABSTIUMINIRACOLOREM



“[...] e tu, põe-te a caminho e tira da bainha a espada: agora é preciso coragem, ó Eneias, agora peito firme.»
Disse apenas isto e irrompeu gruta espaçosa adentro;
[Eneias] acompanha com passos não temerosos o ritmo da marcha da sua guia
Ó deuses, que regéis o império das almas, ó sombras veladas,
ó Caos e Flegetonte, ó lugares na longa mudez da noite,
seja-me consentido dizer quanto ouvi, seja-me consentido por vosso divino poder
desvendar os arcanos nas funduras da terra e na escuridão.
Seguiam, enegrecidos sob a solidão da noite, pela sombra
e pelas mansões incorpóreas de Dite e por reinos vazios,
tal como, por lua incerta e sob luz avara,
está um caminho na floresta, quando Júpiter cobre o céu
de penumbra, e o negrume da noite furta a cor às coisas.
Mesmo antes do átrio e nas primeiras cavernas do Orco,
instalaram seus aposentos o Luto e os Cuidados vingadores;
ali habitam as pálidas Doenças e a triste Velhice
e o Medo e a Fome, que é má conselheira, e a maldita Indigência,
figuras terríveis de ver, e a Morte e o Tormento;
então, o Sono, irmão da Morte, e os perversos Prazeres
da alma e a guerra assassina, que mora do outro lado,
e os aposentos de ferro das Euménides e a Discórdia desvairada,
a sua cabeleira de víboras presa com fitas sangrentas. [...]

A Sibila oferece a Cérbero o doce com mel (VV, 48v) (A.6.417-433)

O enorme Cérbero, a ladrar das suas três goelas, faz atroar estes reinos, estendido, imenso, na caverna em frente. A profetisa, ao ver o pescoço dele já eriçado de serpentes, põe-lhe diante um bolo soporífero feito de mel e sementes medicinais. Ele, com fome e fúria, escancara as três goelas e agarra o que lhe era atirado e desenrola o imenso dorso, esparramando-se no chão, e estende-se, enorme, na caverna inteira. Encias trata de passar a entrada, ante a prostração do guarda, e afasta-se, rápido, da margem do rio de onde não há recuo. De pronto se ouvem vozes e um enorme vagido e almas de crianças a chorar; arrebatou-as no limiar primeiro da idade, privadas das doçuras da vida e roubadas ao seio materno, um dia tenebroso e mergulhou-as nas agruras da morte. Perto destas, os que foram condenados à morte por falsa acusação; mas não está determinado que seja este lugar sem sorteio e sem juiz: o inquiridor Minos gere as sortes,⁹⁴ ele convoca o conselho dos silenciosos, inquire sobre a vida e os crimes.

SUTLUSI MAHANA ACTU LITRIMOSAMR DEAE
TANDEAITANNSILU MAHNCOLU USUATIQUIPORUM
INFORMILIMOCICA QUIEXONITINMILUX VERATA



CERBERUS HIC IN GINSIMENTOREC NATI TAUCI
TURSONMADURSORICURABANSINMANISINTRO
CUIUNTISHOB AERTUM DENSIAMCOLLACULUBAIS
MELLSOTORATAMHIMEDICATISERUGIBUSQIAM
OBICHI LLFAMI RASIDNTRINCUTTURATANDENS
CORNETTOBIEDAMNIQUIMMNNIATRISOLVIT
FUSUSHUMIOTO INCINSINTINDITURANTRO

ALL RIG
Vaticana

Enéas encontra Deífobo e Tisífone às portas do Tártaro (VV, 49r) (A.6.494-561)

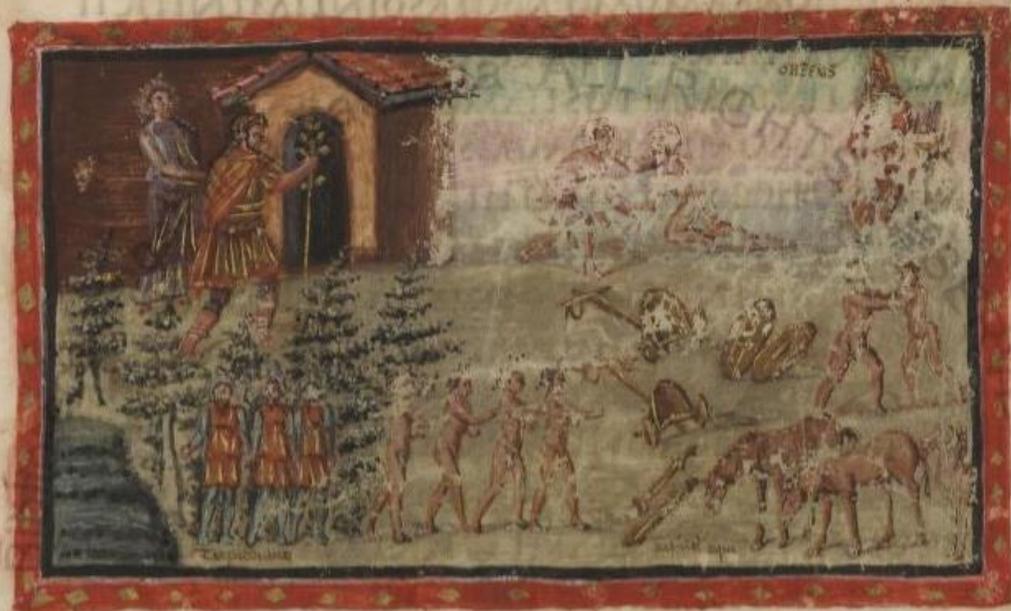
E aqui avista, o corpo inteiro dilacerado, Deífobo, filho de Príamo, o rosto retalhado com crueldade, o rosto e as duas mãos, as têmporas devastadas, de orelhas arrancadas e nariz decepado com golpe repugnante. Em tal estado, mal o reconheceu, temeroso e a esconder os terríveis maus tratos; logo começa a falar-lhe, com voz bem conhecida dele: “Deífobo, soldado destemido, da raça do nobre sangue de Teucro, quem decidiu infligir-te tão terrível punição? Quem a tanto se permitiu contra ti? A mim, trouxe-me a Fama a notícia de que, na noite derradeira, cansado de larga chacina entre os Pelasgos, caíste sobre uma montanha de cadáveres sem distinção. [...] Olha para trás Eneias de relance e, na base de sinistra penedia, vê longas muralhas circundadas por tríplice muro; contorna-as um caudaloso rio com torrentes de chamas, o Flegetonte do Tártaro, e rochas ensurdecedoras. Em frente, uma porta enorme, de aço maciço, para que nenhuma força humana nem os próprios deuses do céu passam destruí-la em guerra; ergue-se nos ares uma torre de ferro, e Tisífone, sentada, envolta em seu manto de sangue, guarda a entrada, sem nunca dormir, noite e dia. Dali fazem-se ouvir gemidos e soam terríveis azorragues; então, ouve-se o chiar do ferro e o arrastar das cadeias. Deteve-se Eneias e tais estrondos, sorveu-os, aterrorizado. «Que tipo de crimes estão aqui? Diz-me, ó virgem. E que penas os atormentam? Que tamanho pranto é este pelos ares?»

INCINTIIRIDIDAREMILITOPARSUIATINITINCA
CENQUONDNAIDIAERIRANTISLARSTOLLERIUOCIA
EXICUAMINCEITUSCLAMORIRUSIRNATURHIANTIS



LIQUEHICERIMIDENIANIUMCORPORITOTO
DIEHOBUMUIDITACERUMCRUDELITROAN
ORAMMANUSQUIAMBASOTULMAQUITIMCOM
MIRIBUSITRUNCASINHONISTOUULNIRIN
NIXADIOAGNOUITPAUITANTIMETDIRALIC

Biblioteca Apostolica Vaticana
ALF. RIGHTS



HAECUBIDI INDEBIT HOEBILONCAIUNSACURDOS
SEBUNMACIENREUUAAMETSUSCIPUMERTICEMUNUS
ADCELEIMUSAITCYCLOPVM DUCIACAMINIS
MOUNIACONSPICIORADQVILADVIANSOIORNICETORIAS
TIAICQBINOSTRANICEIAMIUBENIDITIONEFDONS
DIXERITPARITERCRUSSICEPOTACAHARUM
CORREPTONIS TALUMMEDIUMIORIBUSQUIEROLINQUANT
OCCUTALNENIENSADITUMCORPUSQUERICENTU

Enéas planta o ramo de ouro na entrada dos Campos Elísios (VV, 52r) (A.1.628-659)

Quando tais palavras proferiu, a velha sacerdotisa de Febo diz:

«Mas adiante, prestes! Toma o teu caminho e conclui a tarefa assumida!

Andemos rápido! Estou a ver as muralhas que se elevam da forja dos Ciclopes e, à nossa frente, em arco, as portas onde nos é ordenado que depositemos estas oferendas.»

Tinha acabado de falar e, caminhando a par na penumbra do caminho, alcançam o meio do espaço e chegam perto da porta.

Eneias passa a entrada e salpica o corpo

com água fresca e coloca o ramo na porta em frente.

Concluídos, enfim, tais rituais e entregue a oferenda à deusa, chegaram aos espaços deleitosos e aos prados amenos de bosques afortunados e às moradas venturosas. 101

Aqui, uma atmosfera mais pura cobre os campos e veste-os de luz cor de púrpura, e eles conhecem o seu sol e suas estrelas.

Uns exercitam o corpo em pistas cobertas de relva, divertem-se em combates e lutam sobre areia dourada;

outros formam coros em danças ao ritmo dos pés e entoam cantos; e até o sacerdote trácio, com a longa veste,

faz soar em ritmo os sete intervalos dos sons

e ora os tange com os dedos, ora com sua lira de marfim.

Aqui, a raça antiga de Teucro, descendência magnífica, heróis magnânimos nascidos em melhores anos, Ilo e Assáraco e Dárdano, fundador de Tróia. [...]

Museu guia Enéas e a Sibila; Reunião de Enéas e de Anquises; As Almas às margens do Letes (VV, 53v)
(A.6.669-751)

Mas o pai Anquises, nos recantos de um vale verdejante, as almas ali encerradas e que um dia partiriam para a luz do alto, passava-as em revista, uma e outra vez, com atenção, e registava, por acaso, a lista inteira dos seus e os queridos netos e os fados e a fortuna dos homens e o carácter e a força. E quando viu, a avançar direito a ele, por sobre a relva, Eneias, estendeu para ele, pleno de júbilo, ambas as mãos e, de lágrimas a escorrerem pelo rosto, tais palavras lhe saíram da boca: «Vieste, enfim, e conforme era esperança de teu pai, venceu tua piedade a dureza do caminho? É-me dado olhar teu rosto, meu filho, e escutarem e responderem vozes que se conhecem?

Era mesmo assim que em meu coração meditava e imaginava que assim seria, enquanto contava o tempo, e meu cuidado não me enganou.

Por que terras e por que mares imensos foste arrastado, até eu te acolher! A que tamanhos perigos, meu filho, foste lançado!

Como eu temi que os reinos da Líbia te fossem danosos!»

Mas ele: «Foi a tua triste imagem, ó meu pai, a tua imagem a surgir, muitas vezes, no meu caminho que me fez atingir estes portais; está ancorada no mar Tirreno a frota. Consente que una a minha mão à tua, consente, meu pai, e não te furtas ao meu abraço.»

E, assim falando, sulcava, ao mesmo tempo, de largo pranto a face.

Três vezes tentou ali lançar-lhe os braços em volta do pescoço; três vezes em vão o estreitou e o fantasma lhe fugiu [...]



DICIT HILICIS ANIMA TU QUAE OPTIME VANTIS
QUAE RICIO ANCHISE INQUI HABIT LOCUS ERGO
VENIMUS ET MAC NO ERIBIT RANQUIMUS AMNES
AIQUE HUIUS RES CONSUMMAVICISITARE DDIDITHE OS
NULICERTADOMUSLUCISHABITAMUS ORACI
RITARUMQUE IOROSITRANIA RECENITARIUS
INCOLIMUS SEDUOSSHERITACORDEUOLUNTAS
HOCSULITATEUCUMITACILHAMITRAMITISISLAMI

Enéas e a Sibila saem dos Infernos (VV, 57r) (A.6.893-899)



SUNT CEMINA OMNIPONTAE QUAE ALTERNANTUR
 CORNENQUAUI RIS EACI SLDATURI XITUSUMIBAS
 ALTERACANDI IUCIETICIAIHTENSEIEMANIO
 SEDIALSARDCAE IUMMITIUNHISORPDIAMANIS
 HUSIUMNATUMANCHISISIHTAQUISIBYLLAM
 PROSEQUIIHTREICISTORIAQUILLIHTIBUANA
 ILLIUMNATICATIDNAMISSOCIOSQUIRAUISI

São duas as portas do Sono, uma das quais dizem ser de chifre, por onde é permitida fácil saída às sombras verdadeiras, e a outra, feita com perfeição e resplandecente de brilho de marfim, mas por ela enviam para o céu sonhos ilusórios os manes. Assim falando, aí acompanha então Anquises o filho com a Sibila, e envia-os pela porta de marfim. Ele encurta caminho para as naus e volta a ver os companheiros;

Livro VII

ALTISEXIQUIHAINENSRIE SOLTIS
 MCCENICOMPOSITOTUMULTIPOSEQUINIBIATQUIRINE
 AQUORATINDITTE RUELISPOATUMQUERILINQUIT
 AASTIANTIAURAILINNOCTIMNECCANDIDACURSUS
 ESTANICASPLENDENTIBIMULOSUBHUMINELOS



A frota troiana passa diante das margens de Circe (VV, 58r) (A.7.10-24)

Bem próximo, costeiam as praias das terras de Circe, onde a abastada filha do Sol por bosques cerrados faz ressoar seu canto sem fim e em sumptuosos palácios queima cedro perfumado, para alumiar as noites, e vai percorrendo, com pente fino, delicadas tapeçarias. Dali, fazem-se ouvir gemidos e a fúria de leões que rejeitam as cadeias e rugem altas horas, noite dentro, e porcos eriçados de rijos pelos, e ursos em estábulos a soltarem urros de raiva, e o ulular de sombras de lobos enormes, que a divina Circe, em sua crueldade e com ervas poderosas, havia transformado da sua forma humana, com rosto e dorso de animais selvagens. Para não padecerem tais monstruosidades os piedosos Troianos, se levados porto adentro, e para não arribarem a praias tão terríveis, Neptuno inchou-lhes as velas com ventos de feição e consentiu-lhes fugirem e levou-os para lá do turbilhão desses abismos.

Prodígios na morada do rei Latino (VV, 59v) (A.7.59-80)

Havia um loureiro no meio do palácio, nos altos salões interiores, de sagrada folhagem e preservado por temor ao longo de muitos anos, que o pai tinha encontrado quando lançava os primeiros fundamentos das muralhas; dizia-se que o próprio Latino o tinha consagrado a Febo e que, a partir dele, dera o nome de Laurentes aos habitantes; um compacto enxame de abelhas - coisa espantosa de dizer! -, atravessando o límpido ar com imenso zumbido, instalou-se no seu pico mais alto e, ligadas umas às outras pelas patas, esse enxame pendurou-se, de repente, de um frondoso ramo. De pronto um adivinho: «Vemos,» diz ele, «chegar um guerreiro estrangeiro e buscar as mesmas partes que o enxame, vindo das mesmas partes, e dominar no alto da cidadela.» E mais, enquanto com os fochos da castidade chega lume aos altares e está de pé, junto a seu pai, a donzela Lavínia, vê-se - coisa nefanda! - o fogo a envolver sua longa cabeleira, e todos os seus ornatos serem queimados pelo crepitar das chamas, e a sua cabeleira régia a arder, a arder a coroa com o brilho de suas pedrarias; e, logo depois, a fumegar, envolta em rubro lume e a espalhar Vulcano pelo palácio inteiro. Tudo isso é tido por horrendo e por visão prodigiosa: que ela, por certo, viria a ser ilustre em sua glória e seus fados, mas que anunciava para seu povo uma guerra monstruosa.



Os enviados de Enéas são recebidos pelo rei Latino
diante do templo de Pico (VV, 60v)
(A.7.192-273)



É no interior de tal templo dos deuses que Latino toma assento, no trono de seus pais, e mandou chamar a si os Teucros, no palácio, e, quando eles entraram, tais palavras começou por lhes dizer com sereno semblante: «Dizei, ó Dardânidas (pois não desconhecemos a vossa cidade e a vossa raça, e a nossos ouvidos chegou que fazeis caminho pelo mar), que buscais vós? Que causa ou que necessidade arrastou vossos navios por tamanha extensão de azul até praias de Ausónia? Quer seja engano na rota, quer sejam tempestades, das que, vezes sem conta, padecem os marinheiros no alto mar, o que vos fez entrar as margens do rio e fundear em nosso porto, não enjeteis a nossa hospitalidade, nem ignoreis os Latinos, um povo de Saturno, dado à justiça, não por imposição, nem por leis, mas que se rege de sua vontade segundo a usança do antigo deus. E bem me lembro (a fama vai ficando menos clara com os anos) de os velhos Auruncos contarem como Dárdano, nascido nestes campos, avançou até às cidades do Ida, da Frígia, e até Samos, da Trácia, que se chama agora Samotrácia. Daqui tendo partido, da cidade tirrena de Córito, acolhe-o agora num trono a régia mansão de ouro do céu estrelado e acrescenta-o nos altares ao número dos deuses.» Assim tinha falado e a suas palavras lhe respondeu Ilioneu: «Ó Rei, da ilustre estirpe de Fauno [...]

Latino se despede dos enviados troianos com presentes (VV, 63r) (A.7.274-285)

Dizendo tais palavras, escolhe o pai cavalos de entre quantos possui:
havia trezentos, reluzentes, nos altos estábulos;
a todos os Troianos, por ordem, manda que sejam logo trazidos
cavalos de pés alados, selados de púrpura e com tapeçarias bordadas;
pendem-lhes colares de ouro a cair sobre o peito
e, recobertos de ouro, mordem, entre os dentes, ouro fulvo;
àquele que ali não estava, Eneias, envia um carro e um par de cavalos
de criação celestial, a deitar fogo pelas narinas,
da raça daqueles que a engenhosa Circe roubou a seu pai
e fez nascer bastardos, de mãe coberta às escondidas.
Com tais presentes e tais palavras de Latino, os companheiros de Eneias,
majestosos em seus cavalos, retornam e dão notícia da paz.



HAICUMUSIQUOSNUMEROTATERELLICITOMINDIAU
STABNITERCINTUMNITIDIINERNESEIBNISKELLS
OKINIBUSIXTEAMELOTEUCRISIOBELIORDINEDUCI
INSTANTOSOSTROMIIDESEICTISQUIMEDISE
AUNEALICTOMBDEAMISSAMONTEINPENDENT
TECTINOROUINUMMAN...SIBDINTUSADIKUM
ABSTIANTARECURAMINOSMEDIKLES

Juno e Alecto (VV, 64v) (A.7.323-340)

Assim que terminou estas palavras, para terra se encaminhou, horrenda; faz vir Alecto, a obreira de lutos, da mansão das deusas sinistras e das trevas do inferno, ela que tem no coração guerras amargas e fúrias e traições e acusações nefastas.¹²¹

Tem ódio o próprio pai Plutão, têm ódio as irmãs do Tártaro a um tal monstro; em tantas figuras se transforma, de tão horrendas feições, em tantas serpentes se reproduz seu negrume.

Picou-a Juno com estas palavras e assim lhe fala:

«Presta-me este serviço pessoal, ó virgem, filha da Noite, este trabalho, para que minha dignidade e minha glória se não acabem nem desfaçam de pronto, nem possam as gentes de Eneias cercar Latino com esponsais e instalar-se em terras de Itália.

Tu és capaz de pôr a combater irmãos de corações unidos, de revolver casas à força de ódio, de meter dentro de portas o azorrague e os fâchos da morte; tu possuis mil nomes, mil artes de fazer o mal. Põe em acção teu coração fecundo, rasga a paz que acordaram, semeia pretextos de guerra; armas: que, a uma só voz, as queira e peça e arrepanhe a juventude.»



HAICUBIDIINDIHTERRASHORRINDACITIU
LUCTIFICAVALLICIODIARUMABSIDI
INFRANISQUECUMINIBRISCUITRISTIA
IRAIQUINSIDIEQUEICRIAMINANOXIACORDI
ODITITISLAIHREIIONODERIFORORES
UNATARIAMONSTRAMMOISISFUIRITINON
TAMSAENAFACIESIOTEOLLUMIATRACOLUORIS

Biblioteca
© ALL RIGHTS RESERVED
Biblioteca Vaticana

Ascânio mata o cervo de Sílvia (VR, f. 163r) (A.7.475ss)

Enquanto Turno enche os Rútulos de coragem e ousadia,
Alecto voa para os Teucros com suas asas do Estígio;
observando com novas manhas um lugar na praia, onde o formoso
Iulo caçava animais com rede ou em corrida,
aí, a donzela do Cocito atíça nos cães uma súbita raiva
e fez-lhes chegar às narinas um cheiro que bem conheciam,
por forma a perseguirem, encarniçados, um veado; essa foi a causa primeira
dos problemas e atíçou para a guerra rústicos corações.
Havia um veado de uma beleza notável e com longas hastes,
que as crianças filhas de Tirro tinham arrancado ao seio da mãe
e alimentavam - e também seu pai Tirro, que cuida dos rebanhos
do rei e a quem está confiada, em larga extensão, a guarda dos campos.
Tinha-o acostumado a suas ordens Sílvia, irmã dele, e com todo o desvelo
o enfeitava, enlaçando-lhe nas hastes grinaldas delicadas,
e penteava-lhe o pelo rebelde e lavava-o na água pura de uma fonte.
Ele aceitava o jugo, afeiçoou-se à mesa dos donos
e deambulava pelos bosques e, de novo, aos portais que bem conhecia
e a casa retornava ele à noite, por tarde que fosse.
Deambulava por longe, e as cadelas assanhadas de Iulo,
que andava a caçar, atiraram-se a ele, quando, por acaso, se deixava ir
ao sabor da corrente, por buscar na margem verdejante alívio para o calor.



O cervo ferido se refugia junto de sua senhora;
Sublevação dos camponeses contra os troianos
(VV, 66v) (A.7.475-510)



O próprio Ascânio, inflamado do desejo de especial glória, disparou as flechas de seu arco recurvo; não deixou um deus de lhe ajudar a mão trémula, e a cana, desferida com imenso zumbido, trespassou flanco e entranhas; soo ferido, o animal fugiu para dentro da morada que bem conhecia, escondeu-se a gemer no estábulo e, coberto de sangue e em jeito de súplica, enchia de seus queixumes o palácio. Antes de todos, Sílvia, a irmã, batendo com as mãos nos braços, chama por socorro e brada pelos rudes camponeses. Eles (pois tal peste intratável esconde-se no silêncio dos bosques) chegam de pronto, este armado de um tição queimado na ponta, aquele de um pesado cacete cheio de nós; aquilo que cada um achou ao procurar, disso faz a fúria uma arma. Convoca Tirro as tropas, enquanto rasgava em quatro um carvalho, cravando nele cunhas, a bufar, terrível, de machado em punho.

Juno abre o templo da guerra (VV, 67v) (A.7.607-622)



há duas portas da guerra (esse é o nome que lhes dão)
consagradas à religião e ao tremendo Marte;
cem traves de bronze as fecham e a força duradoura
do ferro, e nunca se afasta dos portais o seu guarda, Jano;
quando está assente e firme para os pais a decisão de combater,
o próprio cônsul, com o manto quirinal cingido ao jeito de Gábios,
abre, com ar solene, os estrondosos portais;
ele mesmo convoca para a guerra; segue-o, então, o resto do povo,
os cornos de bronze troam, em unísono, em rouco assentimento.
Com este ritual, então, se ordenava a Latino que declarasse guerra
às gentes de Eneias e que se abrissem as portas sinistras.
furtou-se a tocar-lhes o pai, voltou-se e apartou-se
de tão vergonhosa tarefa e resguardou-se na penumbra das sombras.
Então, a rainha dos deuses desceu do céu e, às portas que tardavam,
ela mesma as empurrou com sua mão, fê-las rodar sobre os gonzos
e a filha de Saturno escancarou os batentes de ferro da guerra.

Livro VIII

Enéas encontra a porca branca às margens do

Tibre (VV, 69r) (A.8.42-85)

E agora mesmo, para não pensares ser o sono a simular esta ilusão, vais encontrar, abrigada nos penhascos da margem, uma enorme porca; estará ali prostrada, depois de ter parido uma ninhada de trinta crias, toda branca, estendida no chão, os filhotes brancos em roda das tetas; [aqui há-de ser o lugar da cidade, esse o repouso seguro de padecimentos]; ali, volvidos três vezes dez anos, há-de fundar

Ascânio uma cidade de nome claro, Alba.

Não há dúvida no que anuncio. Agora, de que modo vais triunfar daquilo que te ameaça, em poucas palavras - escuta bem - to vou ensinar.

Alguns Arcades, raça descendente de Palante, que seguiram na companhia do rei Evandro, que seguiram seu estandarte, escolheram seu espaço nestas terras e assentaram nos montes uma cidade, Palanteu, do nome do seu antepassado Palante.

Eles mantêm contínua guerra com o povo latino; trá-los para o teu campo como aliados e une-te a eles num pacto.

Eu mesmo te irei guiar entre as margens e pelo rio fora, por forma a levares a levares de vencida a força de corrente contrária e subires até. Vamos, levanta-te, filho de uma deusa! E, quando caírem as primeiras estrelas, ergue a Juno preces rituais; e fúria e ameaças, leva-as de vencida com voto suplicante. A mim, quando triunfares, render-me-ás teu preito. Eu sou aquele que vês em caudalosa torrente a rasar margens e sulcar férteis culturas, / o azulado Tibre, rio dilecto do céu. Aqui tenho morada imensa, a minha cabeça eleva-se acima das altas cidades.»
Falou; de seguida, o rio mergulhou nas profundezas do lago, em busca de lugar bem fundo; noite e sono abandonam Eneias. [...]



NYMHAFLAURINTISNYMHAICINUSAMINIBUNDES
TIQUOTHTYBRTIQCINIIORCUMIUMINISANCTO
ACCIPITIAINIANITIANDEMARCTIBERICIS
COCTICUMIQUILLACUSMISIRANTINCOMIADANOSLA
TONITINENIQUOCUMIQUI SOLODULCHENRIMUSI
SIATEAHONORIMIOSIAMPICILIBRAUTRIDONAS
CORNICIRHISIRIDUMIQUISRECNATORAQUAAAI

Livro IX

Íris aparece para Turno (VR, f. 74v) (A.9.1-17)

Enquanto isto se passa em lugar bem distante,
a satúrnica Juno envia do céu Íris
até junto do valoroso Turno; estanciava, então, Turno, por acaso,
num bosque de seu antepassado Pilumno, em vale sagrado.
Assim lhe falou a filha de Taumante, com seu rosto rosado:
“Turno, aquilo que, a pedido teu, nenhum de entre os deuses ousaria
prometer-te, eis que o volver dos dias se adiantou e to trouxe.
Eneias deixou a cidade e os companheiros e a frota
e partiu para os domínios do Palatino e morada de Evandro.
E não lhe bastou isso: avançou até às cidades mais remotas de Córinto
e armou um punhado de Lídios, uns campónios que arregimentou.
Porque hesitas? Agora é tempo de mandar vir os cavalos, agora de mandar vir o
Pára com as delongas, colhe-os de surpresa e apodera-te do campo.»
Falou e elevou-se céu dentro com suas asas alongadas
e, em seu voo, traçou sob as nuvens um arco imenso.
Reonheceu-a o jovem e elevou as duas mãos
Em direcção às estrelas e com tais palavras perseguiu aquela que partia:



Os barcos transformados em ninfas (VV, 71r)

(A.9.77-125)

Que deus, ó Musas, afastou dos Teucros tão devastador fogo? Quem desviou dos navios tamanhas chamas?

Contai-o! A crença em tais feitos é antiga, mas a fama perdura para sempre.

Por esse tempo, em que no Ida da Frígia começava Eneias a organizar a armada e se preparava para rumar ao alto mar,

conta-se que a própria mãe, a Berecíntia, com tais palavras se dirigiu ao poderoso Júpiter: «Concede, ó meu filho, a meu pedido,

o que tua querida mãe te pede nos teus domínios do Olimpo.

Possuí uma floresta de pinheiros, à qual tive afecto por muitos anos, um bosque nos cumes mais altos, para onde me levavam oferendas,

repleto de sombras de negros abetos e dos troncos do bordo:

estas árvores, ao jovem Dárdano, quando precisava de uma frota,

eu as dei com satisfação; agora, um pavor ansioso me angustia e inquieta.

Dissipa meus receios e consente que tenham tal poder as preces de tua mãe:

que não sejam vencidas e despedaçadas por turbilhão ou golpe

de vento; que lhes valha terem nascido em minhas montanhas.» [...]

«Não vos inquieteis, ó Teucros, com a defesa de meus navios,

nem pegueis em armas! Hão-de primeiro arder os mares às mãos de Turno

do que este madeirame sagrado. Vós, parti em liberdade,

parti, deusas do mar; a mãe assim ordena.» E, acto contínuo,

cada uma das popas quebra as correntes que a prendem à praia

e, ao jeito dos golfinhos, mergulham os rostros e rumam

ao mar alto. Dali - espantoso prodígio! -

[pois, antes, estavam de proas de bronze voltadas para a praia],

ganham, todas elas, forma de donzelas e avançam para o mar. [...]

LXXI



CONTINUO...
DELEHIN...
LMA...
REDD...
OBST...
TURB...
KAUC...

Biblioteca Apostolica Vaticana
ALL RIGHTS RESERVED

Os rútuos assediam o acampamento troiano (VV, 72v) (A.9.159-175)



Entretanto, é confiada a Messapo a missão de bloquear as portas com um corpo de guardas e de atear fogueiras em volta das muralhas. São escolhidos duas vezes sete Rútuos para montarem guarda às muralhas, com suas tropas, mas a cada um deles seguem-no cem jovens, com penachos de púrpura e a cintilar de ouro. Correm a um e outro lado e organizam turnos e, estendidos na relva, dão largas ao vinho e esvaziam taças de bronze. Reluzem as fogueiras, os guardas arrastam a noite no jogo, sem dormir.

Tudo isto observam, do alto da paliçada, os Troianos e ocupam com armas a posição cimeira e, inquietos e temerosos, examinam as portas e ligam pontes e bastiões; carregam armas. Pressionam-nos Mnesteu e o aguerrido Sergesto, a quem o pai Eneias, no caso de alguma contrariedade os chamar, tinha confiado a chefia dos guerreiros e o comando das acções. Toda a legião está de vigia ao longo das muralhas, tiradas à sorte as tarefas arriscadas, e cada um toma conta de seu turno e do que lhe cabe defender.

Assembleia no acampamento troiano durante a ausência de Enéas (VV, 73v) (A.9.226-262)

[O]s principais chefes dos Troianos, guerreiros de eleição, deliberavam sobre os altos assuntos do reino: que haviam de fazer, quem deveria levar já a mensagem a Eneias. Perfilam-se de pé, apoiados em longas lanças e segurando os escudos, no meio do campo e da parada. Então, Niso e, com ele, Euríalo, pedem com insistência para serem recebidos de imediato; que o assunto era de monta e valia a demora que causava. Primeiro, foi Iulo que os acolheu, inquietos, e ordenou a Niso que falasse. Então, assim falou o filho de Hírtaco: «Escutai de coração propício, ó gente de Eneias, e não seja levado em conta da nossa idade o que vos trazemos. Os Rútulos, entorpecidos pelo sono e pelo vinho, emudeceram; nós descobrimos um lugar talhado para surpresas, que se desdobra na bifurcação da porta que fica junto ao mar; há ali um intervalo nas fogueiras, e um fumo negro eleva-se nos ares; se nos permitirdes fazer uso da sorte para ir em busca de Eneias e da cidade de Palanteu, em breve haveis de vê-lo aparecer aqui, com despojos e depois de consumada enorme chacina. E não falta trilho a nosso caminhar: vimos, do fundo dos vales cobertos de sombras, o começo da cidade, nas nossas frequentes caçadas, e conhecemos todo o curso do rio» [...]



Ataque feito por Turno (VV, 74v) (A.9.530-541)



Havia uma torre, de enorme altura e com pontes altas, em lugar estratégico, que, com o maior empenho, todos os Itálicos porfiavam por conquistar e arrasar com a maior força de tropas, e os Troianos, ao invés, por defendê-la, à custa de pedras, e por desferir seus dardos através das fundas frestas. Primeiro, lançou Turno para ali uma tocha acesa e pegou o fogo a um dos flancos; ele, por causa do vento, com vigor alastrou à madeira e propagou-se aos portais e consumiu-os. Instala-se lá dentro a confusão e o tumulto, e em vão procuram fugir à desgraça. Enquanto se concentram e se instalam atrás, no lado que está livre do flagelo, a torre cai, de súbito, em escombros, sob o seu peso, e todo o céu ressoa com o estrondo.

Livro X

Concílio dos Deuses com Minerva, Mercúrio, Júpiter, Vulcano e Juno (VR, f. 234v) (A.10.1ss)

Abre-se, entretanto, a mansão do todo poderoso Olimpo,
e chama a conselho o pai dos deuses e rei dos homens,
na morada dos astros, de onde contempla, lá do alto, todas as regiões
da terra e o campo dos Dardânidas e os povos latinos.
Tomam assento na sala de duplos portais, e ele dá início:
· «Poderosos habitantes do céu, mas porque tomastes atrás
vossa disposição e combateis apenas com ódio no coração?
Tinha eu enjeitado que Itália se coligasse em guerra contra os Teucros.
Que discordância é essa, contra o que foi proibido? Que temor induziu
seja uns, seja outros a seguir a via das armas e a empunhar as espadas?
Há-de chegar o tempo justo para a guerra - não queirais antecipá-lo -
quando a feroz Cartago sobre os baluartes romanos lançar, um dia,
imensa razia e sobre os Alpes devassados:
então, combater com ódio, então, saquear haveres, isso será consentido.
Agora, parai e ponde de pé, com gosto, o pacto que me aprouve.»
Júpiter assim disse em breves palavras; mas Vénus, da cor do oiro,
não com breves palavras retorquiu:
«Ó pai, ó poder eterno sobre homens e coisas
(pois que outro poder haverá que possamos já implorar?),



Concílio dos deuses com Diana, Apolo, Netuno, Vênus? e Marte (VR, f. 235r) (A.10.1ss)

vês bem como nos afrontam os Rútulos, e Turno, vistoso em seus cavalos, se passeia pelo meio das tropas e, inchado dos favores de Marte, vai avançando? A protecção das muralhas não é já segurança para os Troianos:

mais ainda, é portas adentro e nos próprios torreões das muralhas que se enredam os combates e inundam de sangue os fossos. Eneias, sem nada saber, está longe. Será que nunca vais consentir que se levante o cerco? Uma vez mais um inimigo acomete as muralhas de uma Tróia nascente e também um outro exército, e uma vez mais se levanta contra os Teucros, vindo de Arpos da Etólia, o filho de Tideu. Por certo, creio, mais feridas me esperam, e eu, que sou tua filha, vou aguardando golpes vindos de mortais.

Se, sem o teu favor e contra tua vontade, os Troianos rumaram a Itália, que paguem o seu crime e não mais os protejas com teu auxílio; se, ao invés, cumpriram tantas respostas que lhes iam dando deuses do alto e manes, porquê, agora, pode alguém inverter tuas ordens ou porquê determinar novos fados?

Para quê lembrar a frota incendiada nas praias do monte Érix, para quê o rei das tormentas e os ventos em fúria desencadeados da Eólia ou Iris posta em acção entre as nuvens? [...]



Livro XII

Iápix cura a ferida de Enéas (afresco, Pompeia) (A.12.411-429)

Aqui, Vénus, que era mãe, tocada da dor imerecida de seu filho, colhe, no monte do Ida, de Creta, ditamno, um pé com folhas novas e uma ramagem de flores cor de púrpura (não é desconhecida tal planta das cabras silvestres, quando se lhes cravam no dorso flechas ligeiras); foi este remédio que Vénus, o rosto envolvido por escura neblina, lhe trouxe, nele derrama um líquido que despejara num vaso resplandecente, a dar-lhe secretas qualidades curativas, e borrifa-o com sucos medicinais de ambrósia e odorífera panacea. Banhou a ferida com tal poção o velho Iápix, sem saber, e de súbito toda a dor lhe desapareceu do corpo, isso é certo, e todo o sangue ficou estancado no fundo da ferida. E logo, vindo atrás da mão, sem alguém a forçar, a seta caiu, e forças frescas retornaram ao que antes eram. «Trazei depressa as armas ao guerreiro! Estais à espera de quê?» grita Iápix, e é o primeiro a reacender-lhe o ânimo contra o inimigo. «Não vem tal resultado de humano poder, nem de minha arte e mestria, e não é a minha mão, ó Eneias, que te salva; maior é o deus aqui em acção e a maiores feitos te envia.»



Duelo entre Enéas e Turno (VR, f. 188v) (A.12.693-712)

«Poupai-vos desde já, ó Rútulos! E vós, travai os dardos, ó Latinos!
Qualquer que seja a Fortuna, a mim respeita; só a mim, em verdade,
cabe cumprir por vós este pacto e decidi-lo à espada.»
Todos de permeio se afastaram e deram alas.
Mas o pai Eneias, ao escutar o nome de Turno,
deixa os muros e deixa os altos torreões
e apressa quanto o atrasava, interrompe todos os combates
e, exultante de satisfação, faz soar o tinir horrendo de suas armas,
com a força de Atos ou com a força de Érix ou mesmo
com a força do pai Apenino, quando faz rugir os carvalhos a baloiçar
e rejubila, alongando-se nos ares, de cumes cobertos de neve.
E logo ali, à uma, Rútulos e Troianos e todos os Itálicos
que defendiam as altas muralhas voltaram o olhar
e também os que, a golpes de aríete, carregavam sobre os muros,
e as armas depuseram dos ombros. Pasmou o próprio Latino,
ao ver os grandes guerreiros, criados em partes distintas do mundo,
a enfrentarem-se e a tudo decidirem à espada.
E eles, quando os campos ficaram desimpedidos em terreno aberto,
depois de, em lance rápido, arremessarem de longe as lanças,
entram nas lides de Marte, com o fragor de escudos e de bronze.

